

Nova cirurgia  
afasta Branco  
Mello dos Titãs

PÁGINA 3



Nasce um novo  
prêmio para  
livros inéditos

PÁGINAS 6 E 7



Artistas investigam  
o céu em mostra  
nos Correios

PÁGINA 8



## 2º CADERNO



Divulgação

“Eu sentia que minhas letras incomodavam muita gente. E isso me motivava a questionar mais, a continuar fazendo um trabalho que levasse o público pensar”

Odair José

Campeão absoluto de vendas nos anos 1970, Odair José se revela antenado com o presente (e o futuro) e lança álbum em que recorre à Inteligência Artificial

# O brega repensado

Por André Barcinski (Folhapress)

**S**e há uma característica marcante de Odair José é a independência. Em 54 anos de carreira, esse goiano de Morrinhos fez tudo da maneira que quis, inclusive quando dominava as paradas na década de 1970, em gravadoras como CBS e Philips. Suas letras sempre trataram de temas polêmicos, como o amor pelas “damas da noite”, na canção “Eu Vou Tirar Você Desse Lugar”, de 1972, ou o uso da pílula anticoncepcional, como em “Uma Vida Só”. Em 1977, ele lançou a ópera-rock “O Filho de José e Maria”, em que criava o personagem de um Jesus Cristo contemporâneo e discutia dogmas religiosos.

O LP foi um fracasso de público e crítica e marcou o fim de um período de sete anos em que o compositor foi campeão de vendas, desde a estreia em disco com o LP “Odair”, de 1970. “Eu sentia que minhas letras incomodavam muita gente”, diz o compositor. “E isso me motivava a questionar mais, a continuar fazendo um trabalho que levasse o público pensar. No início da minha carreira, eu conversava muito com Raulzito [Raul Seixas], e a gente sempre falava sobre o papel do compositor. Ele dizia que a gente tinha que questionar tudo sempre. Eu adorava bater papo com ele.”

A ousadia custou caro a Odair. Ele foi tachado de “brega” e “cafona”. Na letra de “Arrombou a Festa”, Rita Lee e Paulo Coelho o apelidaram de “terror das empregadas”, por causa da canção “Deixa Essa Vergonha de Lado”, em que contava a história de uma moça que não queria revelar ao namorado que era uma empregada doméstica.

Continua na página seguinte

**A**o lançar o novo LP “Os Seres Humanos e a Inteligência Artificial”, Odair José, hoje com 72 anos, prova que que todos esses rótulos foram esquecidos. Sua obra se mostrou muito mais forte e duradoura do que as piadas sobre ela. No dia da entrevista, Odair José se preparava para um show no Ceará, com ingressos esgotados.

O novo disco promete causar polêmica por tratar da inteligência artificial, um assunto que promove discussões acaloradas. Diferente de outros artistas, Odair José não vê a IA como uma inimiga da criatividade, mas como uma Odair José canta sobre paixões e IA em disco que repensa o brega De olho em nova geração de ouvintes, artista acredita que a nova tecnologia não deve ser ignorada pelos músicos ferramenta que pode ser aliada do artista. “Não adianta fugir do assunto. A IA está aí e não vai embora”, diz ele. “É melhor que a gente discuta como ela pode ser usada do que simplesmente a ignorar.”

No disco, o compositor e o filho, o produtor e instrumentista Júnior Freitas, usaram a IA em várias canções, por sugestão de Freitas. “Nós gravamos tudo. A princípio, eu fiquei relutante. Há sempre aquela questão da tecnologia substituindo a arte, mas depois percebi que eu não deveria me preocupar com isso e abracei a ideia. Gostei muito do resultado”, diz o artista.

O LP, produzido durante a pandemia, trata de questões do nosso tempo, como o mundo virtual, as novas tecnologias e a solidão dos relacionamentos virtuais, unidas nas letras a paixões e desejos.

Odair José parece feliz com a reavaliação de sua obra e o respeito que conquistou de uma geração de fãs que nem era nascida quando ele foi o “terror das empregadas”. Agora, ele participa de dois projetos que sempre evitou, um livro e um filme sobre sua carreira. O primeiro, es-



Odair José diz não se sentir ameaçado pela utilização crescente das ferramentas de inteligência artificial

*‘Não adianta fugir do assunto. A IA está aí e não vai embora’*

critado por Leonardo Vinhas, será lançado em setembro. Já o longa será um documentário com direção de Dandara Ferreira, diretora de “Meu Nome É Gal”.

“Eu nunca gostei da ideia de ter um livro ou um filme sobre mim”, diz o músico. “Mas percebi que tanto Vinhas quanto Dandara estavam interessados na mesma coisa que eu, que é falar de minha obra, sem ficar preso a questões da minha vida pessoal, que não interessam”. E, a cada reavaliação da obra de Odair José, a figura do cantor “brega” ou “cafona” vai ficando para trás.



Reprodução

*Odair José nos anos 1970. Apesar de tratar de alguns temas polêmicos em suas canções, o artista foi líder das paradas de sucesso e vendagem de discos por vários anos*

# Mais uma pausa forçada

Branco Mello passará por nova cirurgia para tirar tumor da língua

O cantor e baixista Branco Mello, uma das vozes dos Titãs, vai passar por uma nova cirurgia para a retirada de um pequeno tumor nas amígdalas. De acordo com a comunicação da banda, o tumor está em estágio inicial e foi detectado em um exame de rotina. Ele ficará um período afastado dos shows e retornará quando completar sua recuperação, enquanto o resto da

banda vai continuar com a agenda de shows programada. Caio Góes vai assumir o baixo até a sua volta.

O músico foi submetido a uma cirurgia para remoção de um tumor na borda da língua, também pequeno e inicial, em outubro de 2023. Ele havia recebido um diagnóstico de câncer na laringe e passado por tratamento cinco anos antes. Depois, em 2021, a doença foi novamente identificada e novos procedimentos foram realizados.

No ano passado, os Titãs iniciaram sua turnê de reencontro por São Paulo com a formação clássica, junta pela primeira vez em 30 anos, desde a saída de Arnaldo Antunes. A reunião contou com sete dos oito integrantes da fase áurea dos Titãs,



Em função desta nova operação, Branco Mello volta a interromper a carreira

com exceção de Marcelo Fromer, morto em 2001. Nos shows após sua última cirurgia, Mello apareceu com uma voz mudada, mais rouca.

Ao lançar um novo disco de regravações em junho, o cantor comentou sobre sua nova voz. “Minha voz é forte. Ela é real. É a minha

vida. Traz tudo que vivi desde que nasci, a minha história. Não sei até quando eu vou ter uma voz, mas me apego a essa que sobrou, porque gosto dela.”

Neste mês Branco Mello gravou uma versão da música “É Preciso Saber Viver”, dos Titãs, com

o “Coral Sua Voz”, composto por pacientes que perderam a voz em função de câncer de laringe ou boca. O vídeo foi publicado semana passada no canal do YouTube do hospital A.C. Camargo Cancer Center e vem emocionando os internautas.

# Magia da harpa segue encantando o Rio

Depois de reunir 7 mil pessoas em vários concertos gratuitos espalhados pela cidade, o XIX RioHarp Festival chega à reta final

Com três semanas de concertos realizados e registrando um público de 7 mil pessoas, o XIX RioHarpFestival entra em sua última semana, mas já tem data para voltar. “A demanda por parte dos harpistas estrangeiros e brasileiros junto com o apoio do público foi tão grande que vamos dar sequência do RioHarpFestival no CCBB Rio de 1 a 30 de setembro com outras grandes

atrações”, avisa o produtor Sérgio Costa e Silva, idealizador do evento, que chega a promover de dois a três concertos gratuitos por dia, mobilizando harpistas de 22 países tocando nos vários tipos de instrumentos e produzindo sonoridades desde a música antiga ao heavy metal, passando por ritmos típicos da Europa, Ásia e América Latina.

Nesta terceira semana o festi-

val tem como destaque mostrar ao público o contraste entre as músicas brasileira, europeia, indiana, japonesa e latino-americana com apresentações dos grupos Shiva Gita (Índia), Quarteto Fujiyama Nippon (koto, harpa japonesa), Lenda Céltica (harpas célticas, Brasil), Associación Femenina de Danzantes de Tijucas (Peru) e os harpistas Juan Riveros (Estados Unidos), Gabriela Gayoso (Peru), Thais Tejada del Rio (Espanha).

## SERVIÇO

### XIX RIOHARP FESTIVAL

Até 31/7

Programação completa em [www.rioharpfestival.com.br](http://www.rioharpfestival.com.br)



O harpista Juan Riveros (EUA) é uma das atrações do XIX RioHarp Festival

## CORREIO CULTURAL

Pelas folhas de  
**Walt Whitman**

Divulgação

Os integrantes do Fugees se separaram em 1997

## Fugees anuncia reunião para gravar álbum de inéditas

O Fugees, grupo de hip hop popular na década de 1990 por misturar rap, soul music e reggae, anunciou sua reunião inédita para o lançamento de um novo álbum, o primeiro do trio em 28 anos. O grupo composto por Lauryn Hill, Pras Michel e Wyclef Jean se separou em 1997 devido a brigas internas entre os membros e se reu-

niu algumas vezes na década de 2000 para fazer turnês, shows e videoclipes, mas sem criar novos álbuns. Jean disse que as músicas do novo disco “não serão bonitas”. “A gente cria músicas relevantes para a sua época. Estamos passando por tempos difíceis, certo? Então tenho certeza que as músicas não serão bonitas”, afirmou.

### Edital

Estão abertas até 4 de agosto as inscrições para o Ações Locais - Edição Cultura Viva, da Prefeitura do Rio, que vai contemplar 180 projetos com valores entre R\$ 15 mil e R\$ 120 mil. O edital é voltado para CNPJ sem fins lucrativos e coletivos representados por CPF.

### Claurinas

As Claurinas, as palhaças bailarinas, apresentam a peça infantil “Em Busca do Riso Perdido” neste sábado e domingo (27 e 28), às 17h, no Teatro GayLussac, em Niterói, recém-revitalizado. Clau deriva de “clown”, que significa palhaço em inglês.

### O Rio e o mar

A relação dos cariocas com o mar é o tema do Primeiro Rolé Carioca, que acontece neste domingo (28). Trata-se de um passeio gratuito que vai da Praça XV à Praça Mauá. O tema já motivou exposição realizada no Museu Histórico Nacional.

### Protagonismo

Luke Thompson será o protagonista da quarta temporada de “Bridgerton”. A informação foi colocada pela Netflix nas redes acompanhada de teaser. Conforme a sinopse, a nova leva de episódios colocará os holofotes no boêmio Benedict.



Lucca Mezzacappa/Divulgação

Helio Flanders: ‘Ele nao e so um poeta, e uma voz, é minha paixão da vida’

## Pai do verso livre é celebrado em show-leitura com Hélio Flanders no Manouche

**H**elio Flanders, vocalista da banda mato-grossense Vanguard, volta ao Manouche nesta quinta-feira (25) com o novo show “As Folhas Secas”, inspirado na poesia do estadunidense Walt Whitman (1819-1892), que já rodou o Brasil e vários países da Europa como Alemanha, Portugal e Espanha.

O show-leitura com Flanders ao piano e violão traz canções de seu primeiro trabalho solo “Uma Temporada Fora de Mim” (2015) – inspirado na poetisa Alejandra Pizarnik, na dramaticidade do tango e da solidão das grandes cidades – e de sua banda Vanguard, mesclando, de maneira quase inseparável dentro do roteiro, canções de sua autoria com traduções para a obra de Whitman.

Pai do verso livre e conhecido como o poeta da democracia,

Whitman teve papel crucial na transcrição poética do homem moderno e ficou marcado por cantar a natureza e o corpo como o verdadeiro milagre a ser celebrado. Whitman foi homenageado por Fernando Pessoa com o longo poema “Saudacao a Walt Whitman”, além de ser erigido como maior influência por poetas como Allen Ginsberg, Garcia Lorca e Jorge Luis Borges.

Este é seu segundo mergulho na obra de Whitman. Já apresentou, também no Manouche e outras cidades, o espetáculo “Madeira Viva, com Musgo” com leitura de pequenos poemas inéditos de Whitman, traduzidos para o português por ele. Estes poemas fazem parte do seu livro homônimo editado pela Cobalto, com essas suas primeiras traduções inéditas no Brasil para 12 poemas de Walt Whitman. Este bloco de poemas gays são rascunhos que foram encontrados em um caderno do poeta, em 1860, sendo estas as primeiras versões de alguns poemas que depois seriam editados, como “Quando Ouvi ao Fim do Dia” e “Madeira Viva, com Musgo”.

“Ele nao e so um poeta, e uma voz, é minha paixão da vida”, conta

Flanders. “Tive contato com o livro “As Folhas de Relva” em 2010 numa viagem que fiz a Buenos Aires e, desde então, as palavras dele ecoam dentro de mim de maneira incessante, e nos últimos anos comecei a traduzi-lo, por acreditar que posso colaborar em uma versão mais viva do que nas traduções habituais do poeta, que costumam ser muito engessadas. O canto de Whitman me salvou”, relata o cantor, compositor, escritor, tradutor e atualmente passa uma temporada morando em Paris, de onde vem para apresentar estes shows intimistas e, agora, a nova turnê da banda.

Desde o primeiro EP caseiro da banda Vanguard de 2002, “Ready to...”, ao mais recente “Oceano Rubi” (2022), o grupo já lançou mais de dez trabalhos, entre LPs e DVDs.

### SERVIÇO

#### HÉLIO FLANDERS

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

25/7, às 21h

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60

(ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível ou livro para doação)

Cult responsável pelo bonde sul-coreano nas telas brilha no streaming neste momento em que seu diretor, Park Chan-Wook, arrebata fãs em minissérie com Fernando Meirelles



Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**E**nquanto o mundo saliva pela segunda temporada de “Round 6” e anseia pela finalização de “Mickey 17” (novo longa-metragem de Bong Joon Ho), o pilar da consagração da Coreia do Sul nas telas, lançado 15 anos antes de “Parasita” tomar o mundo de assalto, agora firma sua fama na streaminguefera: “OldBoy”.

Basta acessar a plataforma MUBI para conferir as aparas digitais que recauchutaram o ganhador do Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes de 2004. Refilmada por Spike Lee em 2013, a produção de US\$ 3 milhões teve uma bilheteria estimada em US\$ 16,9 milhões.

Seu êxito comercial desperitou o interesse da cinefilia internacional pela estética neonoir dos cineastas sul-coreanos, expressa em thrillers ultraviolentos, de uma narrativa cinematográfica (calcada em inusitadas formas de usar o movimento), que inspirou cults nos EUA e na Europa (sobretudo a franquia “John Wick”)

# ‘OldBoy’ na caixa de Pandora

e deu à indústria audiovisual da Ásia mais holofotes. Mesmo realizadores conectados a dramas existenciais, como Lee Chang-Dong (diretor “Poesia” e “Burning”) e Kim Ki-Duk (ganhador do Leão de Ouro por “Pieta”), jamais teriam a visibilidade que alcançaram no Ocidente não fosse o êxito de seu conterrâneo, Park Chan-Wook. Foi ele quem transformou em objeto de cult (em âmbito) mundial a revanche de um homem que ficou detido por 15 anos, sem saber o motivo. Revanche essa que foi decalcada de uma história em quadrinhos japonesa, o mangá “Old Boy”, escrito por Garon Tsuchiya e dese-

nhado por Nobuaki Minegishi, hoje à venda na Amazon, em box de quatro volumes.

“Tenho uma relação muito forte com a palavra, pela literatura e, talvez, ela seja a responsável pelos trilhos narrativos que eu tento oferecer ao cinema: a trilha da imaginação, que se liberta nos livros, mas pode também nos libertar pela imagem”, disse Chan-Wook ao Correio da Manhã em Cannes, ao receber do mais prestigiado festival do planeta a láurea de Melhor Direção por “Decisão de Partir” (hoje na Amazon Prime).

Em “OldBoy”, o executivo Dae-Su (Choi Min-sik, em es-

**Dae-Su (Choi Min-sik) busca vingança contra o misterioso suheito que o trancafiou por 15 anos**

tonteante atuação) é raptado e mantido em cativeiro por 15 anos num quarto de hotel, sem qualquer contato com o mundo externo, sem entender o motivo de seu confinamento. Quando ele é inexplicavelmente solto, descobre que é acusado pelo assassinato da esposa e embarca numa missão obsessiva para dar o troco em seus captores. Usa um martelo como arma em sua cruzada vingadora, mas acaba levando uma jovem, Mi-Do (Kang Hye-jung), no bojo. Nas filmagens. Min-sik dispensou dublês, pois fez um treino para encarar as sequências de luta.

“Temos profunda dificuldade em sermos honestos com nossas emoções. É daí que nascem as histórias que eu proponho, tentando quebrar arquétipos de

força”, disse Chan-Wook, durante o Festival de Cannes de 2022.

Neste momento ele brilha na grade da MAX com uma minissérie em que trabalhou com Fernando Meirelles na direção: “O Simpatizante” (“The Sympathizer”), que tem Robert Downey Jr. no elenco. A trama é baseada num best-seller de Viet Thanh Nguyen, em série.

Tudo o que Chan-Wook fez na primeira década deste século teve aplausos, prêmios e fã-clubes: “Lady Vingança” brilhou no Festival de Veneza, em 2005, e saiu de lá com a láurea CinemaA-venire; “Eu Sou um Cyborg, e Daí?” ganhou o Prêmio de Inovação de Linguagem na Berlinale, em 2006; e “Pesca Noturna” rendeu a ele o Urso de Ouro de curtas em Berlim, em 2011. Mas aí ele foi rodar “Segredos de Sangue” (2013), no Tennessee, com Nicole Kidman, e deu com os burros n’água. Voltou pra casa, para filmar “A Criada”, há oito anos, e, depois, foi emplacar uma versão televisiva de “A Garota do Tambor” na BBC, que pode ser vista por aqui na Amazon Prime”.

# Mais visibilidade para os novos autores

Equipe que comandou o Prêmio Sesc de Literatura cria o Caminhos da Literatura

Divulgação



Por **Olga de Mello** Especial para o Correio da Manhã

**É** hora de os escritores inéditos no mercado editorial tirarem os originais de seus romances das gavetas – ou dos arquivos do computador – e concorrer à mais nova premiação literária brasileira. Criado pelo produtor cultura Henrique Rodrigues, o prêmio Caminhos da Literatura tem inscrições abertas até 21 de agosto. Em outubro, será anunciado o romance vencedor, que terá publicação pela editora Dublinense, com lançamento provável em 2025.

As inscrições – gratuitas – são pelo site [www.premiocaminhos.com.br](http://www.premiocaminhos.com.br), onde é possível ter todas as informações sobre o prêmio ao consultar o edital. O vencedor receberá R\$ 5 mil como adiantamento de publicação e já tem convite para participar da Festa Literária de Olinda, a Fliporto, em novembro.

A criação do Caminhos da Liberdade vem de uma separação depois de 20 anos de convivência. Em janeiro, Henrique Rodrigues foi desligado da curadoria do Prêmio Sesc de Literatura. Em março, a editora Record, que publicava os títulos premiados desde então, anunciou o fim da parceria com o Sesc. Rodrigues atribui sua demissão à recusa a impedir, meses antes, a leitura pública de trechos de *Outono de carne estranha*, o romance homossexual que havia ganhado o Prêmio Sesc 2024.

A nova premiação, que poderá ter outras categorias além do romance em novas edições, se propõe a buscar cada vez mais pluralidade, tanto nas temáticas quanto no estilo dos autores, como contam Henrique Rodrigues e Gustavo Faraon, editor e cofundador da Dublinense, em entrevista ao Correio da Manhã sobre a cena literária atual no Brasil.

**ENTREVISTA** / HENRIQUE RODRIGUES, GESTOR CULTURAL

## ‘O Brasil não consegue aplicar em escala uma educação para a leitura’

Mônica Ramalho/Divulgação

Nos últimos anos, surgiram muitos novos autores no Brasil, impulsionados por publicações pagas e por novas editoras que também foram criadas. Como você vê esse ambiente de criação literária?

**Henrique Rodrigues:** Nunca houve tanta gente publicando livros. A tecnologia permite atender essa demanda. Se por um lado o processo ficou meio banal, e assim temos muito livro ruim por aí, por outro há mais chances de grandes autores conseguirem sair do anonimato. O lado ruim, ainda que não tenha uma relação direta com isso, é que o número de leitores, especialmente para livros que não sejam best-sellers, é muito pequeno. Infelizmente, por mais que haja feiras e festas literárias, compras de livros em editais e outras iniciativas, o Brasil não consegue aplicar em escala uma educação para a leitura, e assim não temos um sistema literário saudável.

**De todos esses anos à frente do Prêmio Sesc, o que ficou de positivo?**

Foram duas décadas ajudando a reescrever o mapa da literatura brasileira com grandes autores e obras. Naturalmente,



foi muito aprendizado não só com o Prêmio Sesc, mas com todos os outros projetos de que participei nessas décadas na instituição. Lidar com as experiências positivas e negativas fazem parte do pacote, e é a partir dessas experiências que a gente segue em frente. Pensando nesse aspecto, o Prêmio Caminhos

é, ironicamente, o resultado produtivo de uma sequência de sucessos e fracassos. Uma felicidade foi ver o Prêmio Sesc fazer com que um concurso voltado para desconhecidos tenha se tornado um dos mais respeitados na área por valorizar a qualidade do texto e a liberdade da escrita foi muito bonito.

Divulgação



ENTREVISTA / GUSTAVO FARAON, EDITOR

## ‘Descobrir novas vozes faz parte da nossa essência’

Gabriela Kruter/Divulgação



O surgimento de muitas editoras, algumas trabalhando com edições pagas pelos autores, dá alento ao mercado dentro de um país notadamente conhecido pelo baixo número de leitores?

**Gustavo Faraon:** Há uma pinda entre os editores de que existe mais gente escrevendo do que gente lendo. Essa percepção de muita gente criando talvez seja sinal de um ambiente de criação vibrante. Em todo caso, para absorver tanta gente querendo publicar, claro que há editoras adotando os mais diferentes modelos econômicos, edições pagas, exclusivamente financiadas via Catarse e outros modelos coletivos, editais públicos etc. O mercado do livro vem encolhendo como um todo. E a única maneira de reverter isso, a meu ver, é aumentar o número de leitores, formar mais leitores. E valorizar e fazer aumentar o interesse pelo livro. Como fazer isso, aí já é outra história.

**Por que a Dublinense decidiu participar dessa premiação?**

Para a Dublinense, essa parceria significa acreditar no livro, na obra escrita, acima de todas as ou-

tras coisas. A associação a este novo prêmio literário é uma alegria. Não haverá qualquer interferência da editora em nenhuma parte do processo de escolha. Descobrir novas vozes faz parte da nossa essência como editores desde o nascimento

da Dublinense. O Caminhos de Literatura tem potencial para revelar nomes que serão conhecidos pelos leitores brasileiros num futuro próximo e vai muito rapidamente virar o prêmio de originais referência do Brasil

## Luiz Carlos Lacerda

### Ainda o Rio

Não tenho autoridade para me manifestar sobre a totalidade da obra poética de Alexei Bueno, mas a forma como ele escolheu se apresentar nessa espécie de Ode à Cidade do Rio de Janeiro, a antologia “Rio, da Glória à Piedade”, me deu a boa impressão que ele optou pela mais representativa das maneiras cariocas de evocação: pelo viés da Poesia; e uma Poesia amparada pelo o que mais nos caracteriza - o erotismo. E um erotismo que, apesar de paginado pela métrica perfeita e pelas rimas ricas, dialoga com a escatologia - essa outra manifestação da liberdade de expressão na sua essência.

Um Augusto dos Anjos que desembarcasse no cais Pharoux, pedisse um lápis e um papel desses de embrulhar muitos maços de cigarros, para ali depositar, na pressa com parentesco na escrita automática dos surrealistas, suas impressões urgentes sobre o Rio de Janeiro. O que dizer de:

“Urinei nas pias  
Vomitei nas portas,  
Com passadas tortas  
Vi nascer os dias.”  
E, adiante  
“...Fugindo de sua barba desembarcam  
Na barba, entre as crateras da bexiga.  
Vão em caça aos piolhos.”

Mas tudo localizado na geografia da Cidade. Identificada pelos passos dos outsiders. E seus miasmas a cada porta:

“O ouro vítreo das tulipas,  
Os sinos nas rijas torres,  
As querelas entre os porres  
O óleo sujo a fritar tripas.”

Nem o deixam descansar no Passeio Público, pois

“Como a vida cansa. Fosse eu já um busto

Num jardim bem sujo entre espinheiros rombos,

Meu crânio lustroso sob um sol adusto

Ficaria branco com as fezes dos pombos.”

E ao entrar num Sebo da Praça Tiradentes, nem se espanta porque

“Nas lojas ocas  
Só os ratos leem as poesias loucas

Que os cupins compuseram com suas fezes.”

E respira o perfume das ruas  
“O carbono e a gordura que se alteia

Dos pastéis na fritura, entre os arrotos

Dos bebuns a babar sobre os esgotos.”

Cético olhar sobre o que a Cidade lhe oferece, em tom de quem se despede:

“Nada brilha. O silêncio deixa ouvir

Como uma folha arranha o pavimento.

Tambores, cordas, cuícas são o vento

Que sopra com preguiça de existir.”

Não uma preguiça macunaímica, o olhar do colonizador passante. Nem dá chance ao estrangeiro de vislumbrar uma “desdentada Baía de Guanabara”. Porque não tem juízo. Porque não tem vergonha de sua gargalhada diante do espelho. É o lado B da bandeja de asa de borboleta com a paisagem carioca.

Uma Poesia movida a sirenes de emergência e estupefata com o que assiste e descreve. Uma participação que traz um fôlego capaz de justificar todo o esforço para a publicação de uma antologia em tempos de zap e outros bichos.

Coletiva com mais de 100 obras de artistas brasileiros reflete significados e interpretações do céu

**E**m cartaz no Centro Cultural Correios, a exposição “O que te faz olhar para o Céu?” convida o público a uma imersão reflexiva e sensorial, através de uma centena de obras, de 45 artistas, de diversas partes do Brasil, apresentando uma vasta exploração artística e cultural sobre os múltiplos significados e interpretações do céu na vida humana.

A exposição marca também o primeiro trabalho de Rodrigo Faro, diretor de arte e cenógrafo, como curador. Essa nova atividade surgiu como consequência da pandemia, período em que o artista passou por uma fase de burnout seguida de uma depressão profunda. Após quatro meses completamente inerte, recebeu o convite dos Correios e sentiu que era hora de voltar. “Foi bem impressionante porque, a partir do momento que comecei o processo de criação da exposição, percebi que o tema já estava lá, me rondando e me atravessando de alguma forma. A troca com os artistas foi tão intensa que acabou se tornando um processo curativo, que me fez olhar novamente para cima e para dentro de mim”, conta.

Como grande apreciador e consumidor de arte, Rodrigo explica que a seleção dos artistas se deu por uma identificação pessoal cuja pesquisa aborda questões que lhe são caras e estão dentro do contexto de debate da exposição. “Eu não fui uma criança livre para fazer minhas



# Exercícios de liberdade



*A exposição é uma jornada poética e crítica, uma oportunidade única para refletir sobre nosso lugar no universo e as múltiplas formas de conexão com o céu*

escolhas. E depois de todo esse diálogo com os artistas, me dei conta que tudo o que gostaria de ter realizado artisticamente está se materializando agora, através do trabalho desses artistas, como uma forma de colocar para fora minhas questões e angústias”, diz.

Desta forma, o que o público poderá ver não são respostas literais e/ou trabalhos figurativos sobre o céu (apesar de também estarem lá), mas diferentes manifestações artísticas, entre, pinturas, fotos, instalações, performances, vídeos e esculturas, de olhares diversos e plurais, que falam, na sua maioria, sobre o céu interior de cada um.

“O que te faz olhar para o céu?” constrói-se através da arte encontrada dentro e fora das galerias e é um convite para que, em um campo ampliado, estendamos nossos olhares para além do que costumamos fitar, já que o desvendar de qualquer segredo celestial se deve começar, primeiro, com um olhar”, comenta Rodrigo Faro.

## SERVIÇO

### O QUE TE FAZ OLHAR PARA O CÉU?

Centro Cultural Correios (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro)  
Até 31/8, de terça-feira a sábado (12h às 19h)  
Entrada franca